



ANTONIO
IOARES

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e oficinas de reparações

Preços resumidissimos

Vende J. Anão & C.ª L.ª da

R. Nova do Almada, 6. 2.ª

Telefone 2536

LISBOA



Pasta dentifrica

COURAÇA

M. B. B. Teixeira

230, RUA DE S. BENTO, 236

TELEFONE 1364 — Central

LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**

Pedir preços, orçamentos a

O. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

TONICO YILDIZIENNE

O tesouro dos cabelos

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

Tintura Yildizienne

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

Regenerador Yildizienne

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

Schampoo Yildizienne e Skaffe

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

Brilhantina liquida Yildizienne

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

Brilhantina solida Yildizienne

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 25—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados produtos d'esta

ACADEMIA DE BELEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



MADemoiselle MARIA LEONOR REIS
FILHA DO ILUSTRE PINTOR CARLOS REIS, NO «VERNISSAGE» DA SUA EXPOSIÇÃO

O caso da Sociedade Nacional de Belas Artes

A Sociedade Nacional de Belas Artes, uma sociedade que não admite socios, que é Sociedade Nacional de Belas Artes como podia ser de qualquer outra coisa, tem conseguido levantar acêsas polémicas entre os «novos» e os «velhos», «novos e velhos» em sentido figurado, é claro.

Os *novos* querem para lá entrar; os *velhos* não deixam. — Os *novos* servem-se de argumentos; os *velhos* respondem com preconceitos. — Os *novos* teimam em ser *novos*; os *velhos* — estão verdes, não prestam — insistem em olhá-los do alto da sua superioridade.

Comtudo n'uma coisa concordam *novos* e *velhos*: na necessidade urgente de acabar com esta discussão que está a desprestigiar a Sociedade Nacional de Belas Artes aos olhos do paiz, esta Sociedade que já anda pelas ruas da amargura. Mas para pôr termo a este incidente não vejo senão um processo: Saem da Sociedade Nacional de Belas Artes todos os que já lá estão não se sabe com que soberanos direitos, e sugeitam-se depois, tal como os *novos*, lado a lado, sem medo, com desassombro, ao exame d'um jury autorizado e imparcial. Não é verdade? Mas vá lá a gente falar de imparcialidade aos veteranos das Belas Artes...

D'um socio consagrado sei eu que se zanga e berra e faz beicinho cada vez que lhe recusam com evasivas e sorrisos as «naturezas mortas» da familia... E o caso é que por este processo nas exposições anuais de oleo ou aguarela, as paredes das Belas Artes conseguem, como o ano passado, dar a impressão exacta de nabais e batatais... O que podê a Arte!

Outra coisa eu não entendo: — com que direito os velhos-socios fecham as portas da Sociedade Nacional de Belas Artes á geração nova, se eles sabem que ela representa inevitavelmente o Futuro, ao passo que a sua, na melhor das hipoteses, não será mais no correr dos tempos, do que o passado, passado, embora de vez em quando com P grande?...

Não entendo nem desculpa a attitude dêstes mestres, que tiveram medo dos que nem sequer consideram seus discipulos... De resto acho absurdo querer o «exclusivo» no que diz respeito a Arte... O «exclusivo» é bom para os bonecos das caixas de fósforos de cêra. Os bons artistas e os bons quadros não temem a concorrência: Sabem que o melhor, é o que mais procura tem. Quanto desequilibrio, quanta incoerência, quanta infantilidade n' este caso... lamentavel das Belas Artes. Quanta infantilidade sobretudo... De resto é essa a unica desculpa dos *velhos* rabugentos da Sociedade. Entraram n' um periodo de irresponsabilidade.

Os socios categorizados da Sociedade Nacional de Belas Artes! Se até há um que segundo me disseram quiz fazer da Sociedade uma «associação de classe»!

É com homens d'estes que querem levantar e impôr a arte nacional! Ah, pelo amor de Deus, deixem-me dizer uma frase menos diplomatica: «mas que socio!»

Isto porem não hade ficar assim. A onda de mocidade crêsce. Desenvolve-se. Ganha alento. Multiplica-se. Deita raizes. Vai minando...

Entretanto, aos velhos que accusam os *novos* de estouvados, de malucos, lá porque não teem cabelos brancos nem rugas eu direi: Em arte, como na vida, é muito menos perigosa a primeira do que a segunda infância.

FERNANDA
DE
CASTRO

PARA evitar más interpretações a *Ilustração Portuguesa* julga conveniente repetir que não é responsável pelas opiniões expendidas nas «Memorias de Sua Alteza o Duque do Porto». Trata-se dum original inglez e a tradutora não se julga com o direito de lhe deturpar o sentido.

OS desenhos que ilustram o conto de Antonio Ferro, o *Segredo da Gondola*, são do grande desenhador Maxime DeThomas e reproduzidas das *Feuilles d'Art*.

TERMINADA a publicação do *Homem do Automovel Cinzento*, a *Ilustração Portuguesa* iniciará no proximo mez de Janeiro a publicação mensal de brochuras, contendo pequenas novelas ou peças que já tenham sido representadas.

EM casa de Leitão de Barros, á hora das discussões amigaveis.

Leitão de Barros é contra a ideia dos Monte-Pios. Acha disparate passar a vida inteira a pagar quotas, a maior parte das vezes em proveito de primas em 4.º grau. A sua familia pelo contrario é a favor dos Monte-Pios.

— Deves entrar para o Monte-Pio Geral... Se ca-sares e tiveres a desgraça de morrer, quem ha-de valer á viuva? E' muito triste a situação das viuvas... Entra para o Monte-Pio... Salva a tua responsabilidade...

— E se a viuva morrer antes de mim? — comenta Leitão de Barros, como ultimo argumento.

OS excessos de modestia:

Um poeta muito conhecido pelo seu talento e pela sua excessiva modestia, dedicou um soneto a um amigo a quem o mandou muito bem copiado em papel de primeira qualidade, juntamente com uma carta de onde acabo de tirar as seguintes frases:

— As minhas melhores lembranças. Aí vai esse pequeno soneto.

UM dos originaes portuguezes entregues no Chiado Terrasse, para serem representados pela companhia Luz Veloso, intitula-se *Alma Antiga*. Dizem porem que a sua autora, desde que sabe que já não sobe á scena no mesmo teatro, resolveu mudar-lhe o nome: Passa a chamar-se *Alma Nova*.

DIZEM os jornais que a poetisa Virginia Victorino tem em preparação uma peça em verso, em 1 acto, para ser representada na festa artistica duma das nossas primeiras artistas de declamação. Da propria boca da poetisa sabemos tratar-se duma simples invenção sem grandes consequencias... Virginia Victorino não está fazendo nenhuma peça... Os seus numerosos amigos é que lh'a estão pregando...

O SEGREDO DA GONDOLA

O sol abandona Veneza como boca exausta abandona um corpo... E' a hora em que Venesa mergulha na laguna, a hora em que as mulheres, ao longo da Merceria, tomam o ritmo das gondolas pelo Canal Grande... A um canto do Florian, o café-pri-meiro acto de Veneza, eu penso na fórmula de tornar real a minha presença na cidade-impossível... Eu quero que Venesa destinja na minha vida. As cidades só ficam na nossa saudade quando servem de fundo a um retrato de mulher...

E' essa mulher, é signorina Veneza que os meus olhos procuram no Florian, neste scenografico Florian que é o melhor *fauteuil* de orquestra que ha em Venesa, *fauteuil* duma orquestra onde as arcadas são frequentes... Escurece cada vez mais. A Praça de S. Marcos é uma grande pomba negra... Entra agora no Florian, num ritmo de aventura, uma mulher-cinema... Alta como o campanario de S. Giorgio, olhos fundos como lagunas, de pupilas gondoladas, vestido negro, vestido-drama, vestido em galgo... Ei-la, ei-la a Veneza que eu desejo, a Veneza noturna, dos canaletos perdidos, a Veneza dos doges, dos doges que ainda hoje existem na alma de certas mulheres... Signorina Veneza esconde-se num angulo do Florian, abandona as mãos sobre a mesa como quem abandona um ramo de flôres... Não pede nada, não olha para nada, quasi não está ali... A voz do criado perguntando-lhe o que deseja, assusta-a, vergasta-a, inquieta-lhe os olhos, olhos de Tintoretto numa tela cristã...

Passa uma hora, uma hora lenta, uma hora cansada, uma hora velhinha... E' já noite.

Lá fóra Veneza é um cristal quebrado. Quando já não ha duvidas na treva, a minha aventura, a minha Presença na cidade, Signorina Venesa ergue-se, como a lua, sai do Florian seguida por mim... vejo-a dirigir-se para a *Piazzetta*, parar em frente ao Palacio Ducal como em frente a um espelho, encaminhar-se para o Cais dos Escravos, o Cais a cujos pés o Adriatico é um escravo molengo... Signorina Veneza sóbe a escadaria que corre sobre o canal da *Ponte dos Suspiros*, debruça-se da balustrada, fica-se a olhar a sua alma a atra-

vessar a ponte, a sua alma condenada á morte... Volta ao Cais dos Escravos, dirige-se para um embarca-doiro de gondolas, chama o gondoleiro numa voz sem côr... Nesse momento, já perto dela, de-cido-me a quebrar a esfinge... Pergunto-lhe, a medo, se ela me permite acompanhá-la no seu passeio noturno. Digo-lhe, febrilmente, ora em francês, ora em italiano, toda a minha ansia de viver uma hora na cidade com ela, com Veneza, com Signorina Veneza, que eu julgo emfim ter encontrado...

Sem cólera, sem espanto, Signorina Veneza desmente-se... Ela nem sequer é italiana, é francesa, uma francesa que a civilização tornou selvagem, uma parisiense exausta de aventuras, vinda a Veneza, em busca da Aventura, aquela Aventura que só a nossa alma vive... Não é Signorina Veneza, é a Hora que passa... Mas a Hora que passa é, neste momento, Signorina Veneza... Entramos na gondola como quem entra num palco. A gondola é negra, negra como a noite, negra como o vestido de Signorina Veneza... A gondola é a cauda desta noite sumptuosa. Dou ordem aos gondoleiros para contornar o Canal



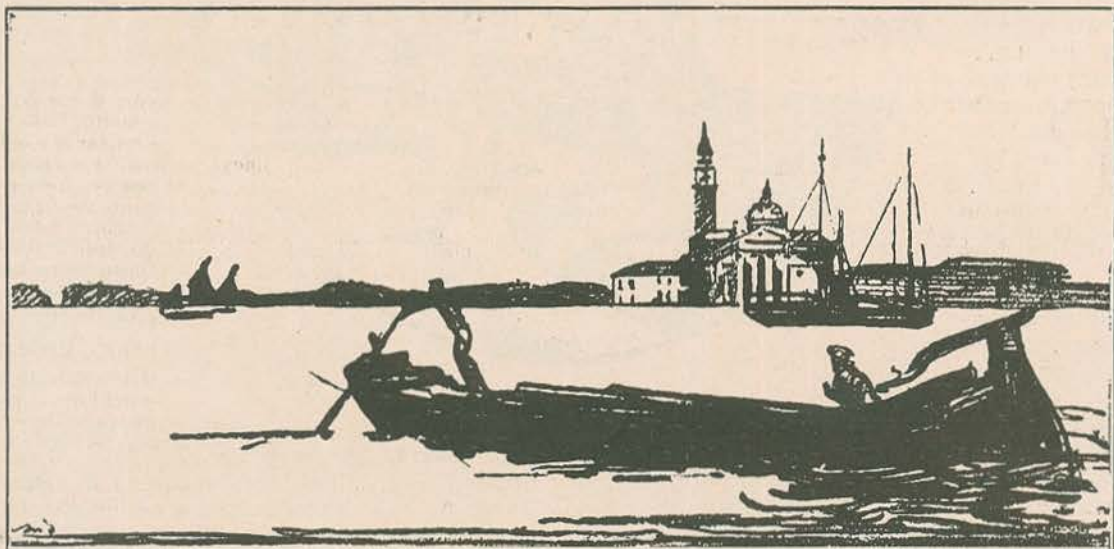
Grande, para passar debaixo da ponte do Rialto—o trono de Veneza sobre a laguna—para receber a homenagem dos palacios do *quatrocentos*, mendigos submissos que já foram reis...

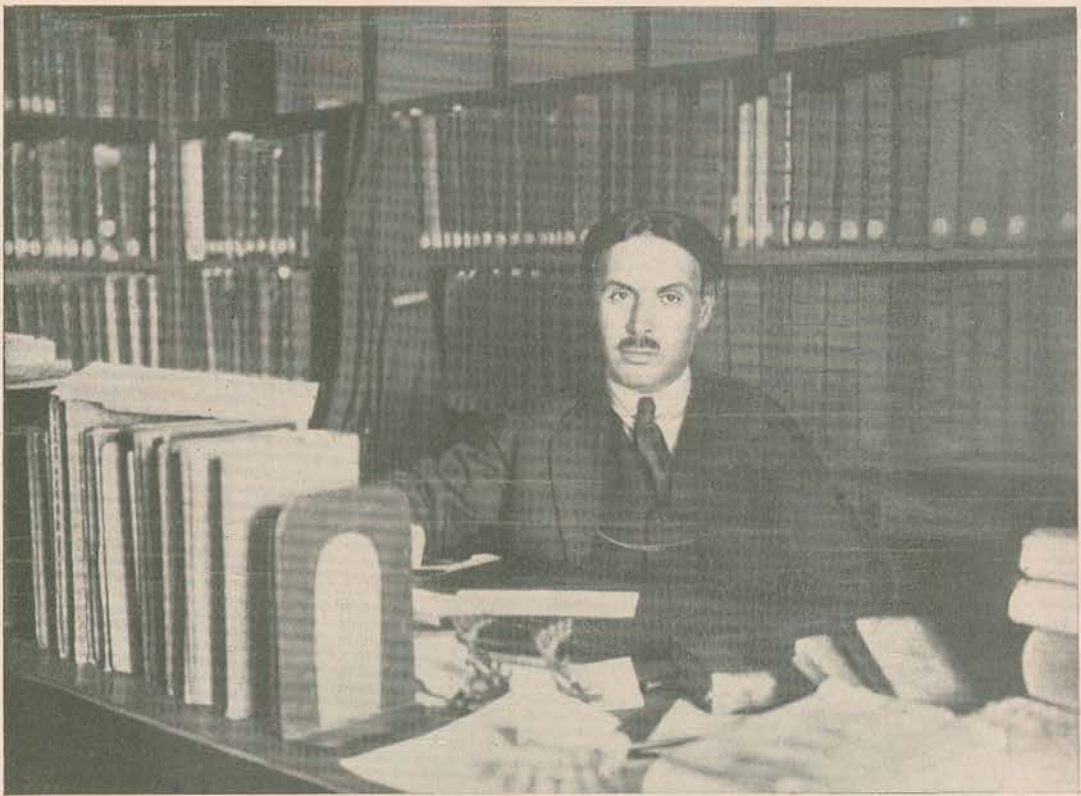
No *hamac* da voz sonolenta, da voz laguna dos gondoleiros, eu vou dizendo, vou murmurando, a Signorina Veneza a rasão porque a segui, o meu desejo de estar na cidade, de viver uma hora veneziana, o meu desejo de em vez de ficar a recordar Veneza num calis de Murano, ficar a recordá-la num corpo de mulher...

Vamos agora em frente ao palacio Vendramin, o palacio onde Wagner morreu, onde Wagner morreu como o sol na laguna, num poente de glória... Signorina Veneza também pensa como eu... Dos cristais de Veneza, como saudade, apenas quiere levar uma hora em cristal... Foi esse desejo que a fez entrar no Florian, que a empurrrou para o Cais dos Escravos... Também ela queria es-

tar em Veneza, como num conto de Musset, também ela queria ser possível na cidade impossível... Neste momento, o luar entrou na gondola, como um pagem, um pagem esperando ordens... Estamos no seio de Veneza, desta Veneza enovelada de canaletos, desta Veneza labirintisada, complicada como um drama moderno... Deante de nós, á prôa o gondoleiro vai no mar alto, no mar alto da cantiga monocórdia. Signorina Veneza olha-me... Eu olho Signorina Veneza... A Hora que ambos queremos viver está aqui, ao alcance das nossas mãos, ao alcance das nossas bocas... Não hesitamos. Dizemos ao luar, obediente como um pagem, para colar as nossas bocas... O gondoleiro naufraga na cantiga... Os nossos corpos são gondolas onde as nossas bocas se abraçam... Tenho, enfim, a minha Hora... Nos nossos labios não ha um beijo, ha, finalmente, Veneza... Veneza sobre a laguna numa noite de luar...

ANTONIO FERRO





Aquilino Ribeiro no seu gabinete da Biblioteca

A ENTREVISTA DA SEMANA AQUILINO RIBEIRO

PASSAMOS o Chiado. E' a hora em que todos passam e ninguém pára. Só, aqui e além, um ou outro vulto cintado, com ar de sentinela, esperando... São os que acreditaram em Sacha Guitry, que promete a cada homem que a mulher destinada ao seu enlevo ha-de vir para ele, atravez a Vida, sem que seja preciso procurá-la... Deixamos tudo para traz, os *brasseurs d'affaires* que circulam, activos; as mulheres indolentes que sobem, no seu calvario mundano; as tais sentinelas do Idílio, confiadas no Imprevisto, entre o nevoeiro doirado da tarde...

E, minutos depois, estamos num outro mundo, um mundo que parece feito para exilio de espiritos, o mundo da Biblioteca Nacional, onde vive a multidão hieratica dos *in-folios*...

Ha um labirinto de corredores, de portas, de estantes, de continuos... E, no termo da expedição, dizem-nos, finalmente:

—E' aqui...

A principio vêmos só prateleiras trufadas de livros, livros solenes que parecem formar um conselho grave de familia — a familia intelectual, os antepassados do cérebro... Mas, de entre essa floresta de lombadas escuras, surge a cabeça de Aquilino Ribeiro, a sua cabeça iluminada de beirão, com uma alvorada nos grandes olhos claros e o sol a caír, como uma aureola, nos cabelos ardentes, revoltos, quasi revolucionarios...

Aquilino foi surpreendido por nós. Estava tão longe duma entrevista — como nós, no Chiado, estávamos longe dos seus livros góticos. A sua mesa de

trabalho junca-se de volumes antigos, é um jardim do Passado, um jardim deserto ha muito, todo empoadado, e onde agora começa a luz a renascer — a luz que lhe comunicam os olhos atentos do escritor... Contudo, entre todo esse ambiente severo, todo esse ambiente de seculos mortos — a fãgura de Aquilino Ribeiro levanta-se, com um relevô mais forte de Vida plena. E' um intelectual moço, que a velhice dos *in-folios* não envelheceu, que o peso das edades não esmagou — um intelectual sadio e vigoroso, que o convívio dos pergaminhos não sulcou do vincto maligno dos cansaços...

Interessamo-nos pelo scenario. Encadernações d'outrora, obras com a *fatine* do tempo, por toda a parte, numa avalanche, num policromatismo que dá, afinal, uma grande mancha cinzenta; o vulto de Aquilino, debruçado sobre papeis, com a devoção dum crente debruçado sobre um oratorio; e, ao fundo, como uma invasão azul, a diafaneidade do Tejo, que se vê da janela aberta, debaixo duma tira de céu, um céu duma fluidez de pérola diluida...

E Aquilino fala, explica-nos o seu culto por aquelas pequeninas biblias de paginas enrugadas, onde ha letras em iluminuras, flores de coloridos doces sobre a monotonia pardacenta das paginas austeras.

—A Biblioteca está procurando reunir a bibliografia completa do seculo xvi em Portugal. E assim, vamos buscar a todas as secções, a todas as estantes, estes livros que as epocas amarelaram, mas onde se colhem ainda emoções, revelações, novidades...

Curvamo-nos. Ali mesmo, junto dos nossos olhos profanos, ha um volume que deve ter longas memo-

rias, um volume que vem de longe, um volume muitas vezes centenário. Aquilino repara na observação atenta e esclarece:

—E' muito raro. *Capitulo vinte e oito* do celebre Azpilcueta Navarro. Impresso em Evora, em 581, por Cristovam de Burgos. Aqui tem agora outro de Evora, mais antigo, 1574, de André de Burgos: *O Espelho da Vida*. Mais ainda... Este *Missale Monasticum, secundum ritum et morem casinensis*. Gotico. Venesa. Foi De Giunta, o famoso De Giunta, que o imprimiu em 1515...

Olhamos com carinho esses testemunhos d'outra humanidade mais ingenua, mais meditativa, com mais primavera no fundo da alma...

Mas agora a curiosidade leva-nos mais além... Ha um livro mesmo na frente de Aquilino, um livro que tem, dentro das suas paginas, algumas folhas manuscritas.

—Alguns trabalhos seus?

—E' o que tenho agora entre mãos. Estou restituindo para português os *Amusements périodiques*, do Cavalheiro d'Oliveira...

Mas a hesitação é curta, abre-se logo numa aurora decisiva:

—Em principio, estou pelos novos ..

—Conhece perfeitamente as *étapes* da questão, não é verdade?

—Perfeitamente, não. Por alto, apenas...

Expomos então, sem paixão, o caso da cruzada dos novos para Barata Salgueiro. Aquilino escuta-nos interessado, interrompe às vezes para concordar e interrompe uma vez para discordar. E' quando nós dizemos que os sócios propostos eram cento e oitenta...

—Cento e oitenta! Mas é uma aluvião! Nesse ponto, compreendo que os «velhos», como lhes chamam, não cedam, desconfiem... Não é verdade que parece um assalto, uma abordagem?

Falamos dos estatutos, da leitura perante uma assembléa geral de cento e vinte nomes que foram reconhecidos como artistas, da disposição que permite a todos os que se interessam pela Arte o ingresso na Sociedade... Mas Aquilino persiste:

—Mesmo assim, foram talvez exagerados. Cento



Aquilino Ribeiro entrevistado pela Ilustração Portuguesa

—E' um trabalho que o interessa...

—O que me interessa especialmente é o prefacio que lhe vou fazer —um prefacio que é um estudo longo sôbre este Cavalheiro d'Oliveira, que eu acho um tipo curioso, uma intelligencia pouco escrupulosa...

Sentimos que nos vamos deixando invadir demais pelo Passado. Até agora só falámos com o Aquilino Ribeiro da Biblioteca, o investigador, o peregrino das empoeiradas regiões, as regiões esvaidas, de cabelos brancos — as regiões das neves eternas. Precisamos de ouvir o Aquilino moderno, o Aquilino do nosso tempo, o Aquilino das *Filhas de Babilonia*, dinamico, impressionista, rebelde...

E, inesperadamente, sem transição, no claro-escuro duma surpresa, lançamos a pergunta audaciosa:

—A sua impressão sobre esta *mêlée* das Belas Artes?

Aquilino olha-nos. Os seus olhos parecem saír do Sonho, do repouso severo e erudito, encher-se do fluxo intenso da Hora, a Hora insaciavel e movêdica.

e oitenta é demais... Pareciam querer tirar o logar aos que já estavam nas Belas-Artes...

—Mais um motivo para nos aceitarem — argumentamos. — Recusar-nos — é recusar uma luta leal... Parece que se trata apenas dum egoismo e dum receio...

—Sim, isso é justo. No fundo, ha egoismo. E receio tambem. Os velhos não deviam ter medo dos novos. Os velhos deviam deixar os novos entrar e manifestar-se. Se os novos mostrarem ter mais valor do que eles, os velhos tem que abdicar e entregar-se... Se os novos mostrarem menos valor — a sua derrota será mais flagrante...

—Acha portanto que estamos no nosso direito de aspirar a crear uma força na Sociedade de Belas-Artes?

—Absolutamente — conclue Aquilino Ribeiro.

E, como o escritor, de passagem, tem palavras de justiça para José Pacheco e Leitão de Barros, dois dos socios que propuzeram a *aluvião* dos novos, nós queremos saber opiniões sôbre a nossa geração, esta geração que se levanta, num germinal de Anciedade e de Fé. Aquilino Ribeiro reflete um pouco — e ha um

sorriso que se encurva, aberto e claro, sôbre a sua expressão inteligente:

— Sabe? Eu não queria ser cruel para ninguém — mas julgo que ha poetas de mais. Isto talvez seja arrojado, talvez seja excessivo — mas eu tenho um certo *parti-pris* contra a Poesia. Acho-a um género inferior à Prosa. As nações nascem a cantar, morrem a: cantar — nascem e morrem a fazer versos. Na sua plenitude máscula, as nações vivem mais pelos seus prosadores, pelos estilistas energicos da vida, pelos que lhe sabem dar mais intensamente a v.da, em troféus e em cicatrizes...

— Estamos absolutamente de acordo. Mas ha grandes poetas entre nós...

— Ah! Sim. Grandes poetas! Lopes Vieira, Augusto Gil, Correia d'Oliveira...

— ...Eugenio de Castro... — acrescentámos, no culto do mestre olimpico dos simbolos...

— Eugenio de Castro — confirmou Aquilino Ribeiro, num timbre de homenagem — um extraordinario poeta em toda a parte, uma gloria em todas as raças...

— E prosadores novos?

— Da Europa... A sua impressão quando recentemente viajou?

— Decadencia, meu amigo, decadencia geral. Em França, os dois livros que mais me dêram na vista, são livros de estrangeiros: o *Royaume de Dieu*, dos irmãos Tharand, judeus, e *Le livre de Gohal, le simple*, dum romancista polaco, com um estilo muito seu, muito original. Na Alemanha, appareceu um grande successo imprevisito: *As duas personalidades*, de não me recordo que autor. Em poucas semanas, tiragem de quatrocentos mil...

— Mas os livros de guerra?...

— Na maioria, falharam. Acima de todos, talvez o unico, *Le Feu*, de Barbusse...

Não nos despediremos sem saber quaes as obras que Aquilino promete para este ano. E ele desenrola-nos a lista dos seus projetos — os projetos duma intensa, maleavel, inverosimil actividade literaria:

— Primeiro, este estudo sobre o Cavalheiro d'Oliveira e um livro de contos, *Estrada de Santiago*. Penso na *Sonata da Montanha*, ampliação do conto *O derradeiro fauno das Filhas de Babilonia*. Depois a segunda parte da *Via Sinuosa*...



Em frente dum livro raro

— Ha alguns que admiro mas são poucos, acho-os muito poucos...

— E entre esses, que encontra nos prosadores modernistas?

Aquilino Ribeiro pensa minutos. Os seus olhos parecem immobilisar a sua vivacidade de chamus inquietas. E depois, afirma:

— Da prosa modernista, através todas as acrobacias, ha-de sair qualquer coisa de belo, de fecundo...

E como nós lhe falassemos das palavras que as sensações de hoje nos obrigam a inventar, Aquilino continúa:

— Eu compreendo e aprovo essa criação de termos — desde que sejam segundo as regras...

— E então, decididamente, os poetas novos não lhe agradam?...

— Alguns, muito, mas a maior parte andam a pescar nas aguas turvas uns dos outros... Os prosadores são curiosos. As inovações não me chocam...

E, numa definição iluminada, Aquilino diz:

— E' preciso saber electrificar a prosa!...

Ha alguém que solicita o nosso entrevistado. Sentimo-nos em demora exagerada. E' necessario acabar...

— Que se chama?

— *Lápides Partidas*. Coloco o meu heroi no momento da Revolução Republicana de 1910. E depois a terceira parte, *Sob o pendão barbaro*, onde surge o ciclone aspero da guerra. Vou seguindo os sulcos moraes do meu personagem, através os grandes conflitos...

— E o seu regionalismo extremo continúa?

— Mais mitigado agora. As *Terras do Demo* foram dum regionalismo extenuante. Agora é mais uma vibração moral, de psicologia enfé ma, de patologia da época, uma época onde a vertigem materialista predomina...

Chamam outra vez... Agora é que decididamente nos despedimos... Novamente os corredores, os continuos, as estantes...

E, daí a minutos, novamente o Chiado, o Chiado em flôr, onde o sol se despede tambem... Já não ha vultos cintados à espera. As mulheres desejadas vieram. Sacha Guitry não tinha mentido...

UMA NOVA INICIATIVA

O SANATORIO PARA AS CRIANCINHAS

QUANDO da minha visita ao *Albergue das Crianças Abandonadas*, o sr. Morgado, secretario geral do Commissariado de Policia e o espirito bom daquela simpatica instituição, lembrou-me a conveniencia de uma visita ás novas construções, succursaes do *Albergue*, destinadas a servir para as albergadas doentes.

de Sanatorio
—Terei
nisso um
grande prae-
ser pessoal,
respondi, e
estou certa
de que a *Ilus-
tração Por-
tuguesa*, que
tanto se in-
teressa por
todos os pro-
blemas de
ordem so-
cial, me fará
acompanhar
por um dos
seus direc-
tores grafi-
cos, para
que nas suas
Paginas se
propague o
que se está
fazendo em
Lisboa, para
a protecção
eficaz da in-
fancia des-
valida.

Com a
mais com-
pleta aqui-
escencia de
Antonio Fer-
ro, ora regendo os destinos do interessante *ma-
gazine*, partimos, o fotografo Salgado e eu, numa bela
manhã de sol, no comboio das 9 e tal, para Bemfica,
onde Morgado nos esperava na charrete do *Albergue*
para nos levar por ali acima, até ao Sanatorio em
construção.

Depois de uma passeata ao longo de uma estrada,
enfeitada, de um e outro lado, por campos coalhados
de oliveiras frondosas, carregadinhas desse precioso
fruto essencialmente do gosto dos portugueses, num
jantar fóra de portas, parámos a meio da encosta da
serra de Monsanto, local que almas caridosas esco-
lheram, para gaudío dos pulmões infantis atrofiados
pelo ar estiolador da cidade.

E' uma construção rectangular, toda pintada de
branco, o sanatorio das creanças abandonadas.

Lá dentro, o ar vivificante, coado pelas ramagens,
fontes de oxigenio puro, circula livremente através
de vastas salas, onde 26 janelas se abrem sobre uma
grande extensão de terreno arborisado, e cuidadosa-
mente aproveitado em leiras de toda a especie de
legumes.

O regalo da vista, de mãos dadas com a conve-
niencia dos pequeninos estomagos dos pupilos.

Construidos nos terrenos que foram pertença do
poeta João Ferreira e do maestro Calderon, o Sana-
torio, de 300 metros quadrados, pode dar guarida a
cincoenta crianças, que encontrarão ali, sob os seus
tétos de 3 metros e 80 de altura, não só uma boa pro-

visão de ar constantemente renovado, mas ainda todo
o conforto que as mais rigorosas leis da hygiene pre-
conisam, não lhes faltando a sua sala de banho e du-
ches, com todos os modernos aparelhos.

Para não descuidar o espirito, ao mesmo tempo
que se fortifica o corpo, ha ali tambem uma aula,
onde se ministrará aos pequenos doentes o ensina-
mento da sua lingua, com a parcimonia e cuidados

que o seu es-
tado de sau-
de exigir.

Cá fóra,
um grupo de
operarios
prepara as
argamasas,
telhas, soa-
lhos, apresta
vigas, para
que este lin-
do sonho de
alguns cere-
bros altruis-
tas - eja mui-
to breve uma
risonha rea-
lidade.

O quadro
que os nos-
sos olhos
abrangem é
quasi feéri-
co. Perto, a
actividade
humana,
dando-se
tratos, para
corporisar
uma ideia;
ao longe, a
natureza, ri-
ca de tons,
aguarelisan-
do-se,

como n'uma auto-reprodução, encanta-nos com
um panorama, onde a Peninha se alça, elegante, tal
uma *aigrette*, num caprichoso toucado.

Os operarios teem uma *mascotte*, a presidir aos
seus esforços.

E' a «Duquesa», uma cadela branca, manchada de
café com leite, com uma fina linha, aristocratica co-
mo o seu nome. Todo o dia, ela ali está, ao lado
deles, com o seu focinho curioso a farejar, como
incitando-os ao trabalho ou talvez a defendel-os con-
tra a preguiça, com o seu olhar amavelmente inqui-
ridor.

E, no meio de toda esta azafama, o nosso
cicerone, sempre infatigavel, dá ordens a este, lembra
aquele um pormenor, acaricia um rostinho rosado, e
nunca um vislumbre de mau humor vem escurecer o
sorriso com que ele contempla a obra do bem, a sua
obra mais do que de nenhum outro, pois que a ela
reserva todos os seus instantes, toda a sua carinhosa
assistencia.

Oxalá que o exemplo deste punhado de beneme-
ritos pudesse fructificar no coração de alguns mais,
a quem a fortuna não foi escassa, para que viessem
trazer um pouco de pão e um têtto amigo aos seus
irmãos desherdados da sorte.

Oxalá!

MERCEDES BLASCO



Jogos infantis

MEMORIAS DE SUA ALTEZA O DUQUE DO PORTO

PUBLICAÇÃO AUTORIZADA PELA SENHORA DUQUEZA DO PORTO

(CONTINUAÇÃO)

ALGUEM que visitou Lisboa, sete anos depois da revolução, afirma que todos ainda se lembravam afectuosamente de D. Afonso. Era opinião unanime que só ele salvaria a monarquia, aceitando a proposta que lhe fizeram de ficar como rei e que ele recusou fundando-se nos direitos hereditarios e na unidade da familia. Acusado de ser por demais puritano, replicou: «Isso não pode ser, a honra é a honra, o direito é o direito». Comtudo se o seu sobrinho, o joven rei, tivesse secundado o pedido do povo, D. Afonso teria acedido.

1908, o rei Carlos e a sua familia foram para Vila Viçosa, como muitas vezes iam para descansar dos fatigantes dias que passavam em Lisboa. Nesta ocasião D. Afonso não foi com eles; ficou no palacio da Ajuda com sua mãe que não se sentia bem. D. Manuel tambem se achava em Lisboa por causa dos seus estudos.

No dia 2 de Fevereiro a Familia Real voltou de Vila Viçosa; estava um pouco inquieta porque na ida para lá tinha sido encontrada uma bomba sobre os «rails» por onde o comboio devia passar.

O presidente de ministros, João Franco, estava



D. Afonso sentado ao lado da rainha Helena, de Italia, tendo á sua frente as princesas Jolanda e Mafalda, e ao seu lado o pequeno príncipe Humberto. Tirado em 1915

CAPITULO VI

A TRAGEDIA DE D. CARLOS

NO principio do ano de 1908, o espirito de desasoscego que se apoderou dos principais politicos portugueses levou-os aos mais serios ataques contra a corôa. Depondo D. Carlos, estes homens inteligentes e sem escrupulos queriam, por meio duma barafunda politica, apanhar o dinheiro que devia pertencer ao Tesouro real. Portanto perguntaram-lhe o que preferia: abdicar ou ser destronado.

Não escolheu nenhuma das alternativas, exilando os chefes da conspiração. No mez de Janeiro de

com muitas outras pessoas no caes para receber a Familia Real. A primeira pergunta do Rei, foi:

— Ha socego em Lisboa? Não receio por mim, mas venho acompanhado pela minha familia.

João Franco respondeu, sem hesitar:

— Sim, meu Senhor, Lisboa está comvosco.

E foi assim que este Rei de grande coração, sorrindo com esse bondoso sorriso que o fazia tão parecido com o irmão mais novo, caminhou para a morte, na companhia da Rainha e dos seus dois filhos, pois D. Manuel tinha ido ao seu encontro.

O primeiro tiro foi disparado á queima roupa matando-o immediatamente. O segundo matou D. Luiz Philippe. Foi nessa ocasião, que, como já se disse, appareceu D. Afonso, disparando contra os assassinos e matando o homem que se dispunha a atirar contra a Rainha.

D. Manuel ficou ferido no braço e a carruagem sinistra seguiu o automovel de D. Afonso até ao Arsenal, acompanhando o Infante a pé o caleche onde ia o irmão.

Ao chegar ao Arsenal, D. Afonso encontrou-o nas mãos dos revolucionarios, que se recusaram a abrir a porta. (1)

«Abre» disse ele apontando a pistola á sentinela. Foi obedecido.

Os corpos ensanguentados foram respeitadamente tirados da carruagem e colocados sobre colchões.

D. Afonso que esteve em muitas batalhas, disse que nunca tinha visto tanto sangue.

O Rei morrerá na carruagem, mas o Principe Real viveu algum tempo, apesar de nunca chegar a recuperar os sentidos.

D. Afonso mandou imediatamente o ajudante ao palacio, para informar sua mãe, que já se sentia envolvida numa atmosfera de tragedia. Na noite anterior ao assassinato de D. Carlos, a Rainha D. Maria

quanto uma das aias lhe punha o chapéu, desceu serena as escadas do palacio e entrou no seu automovel.

Adivinhára tudo, estava num profundo desespero sem lagrimas.

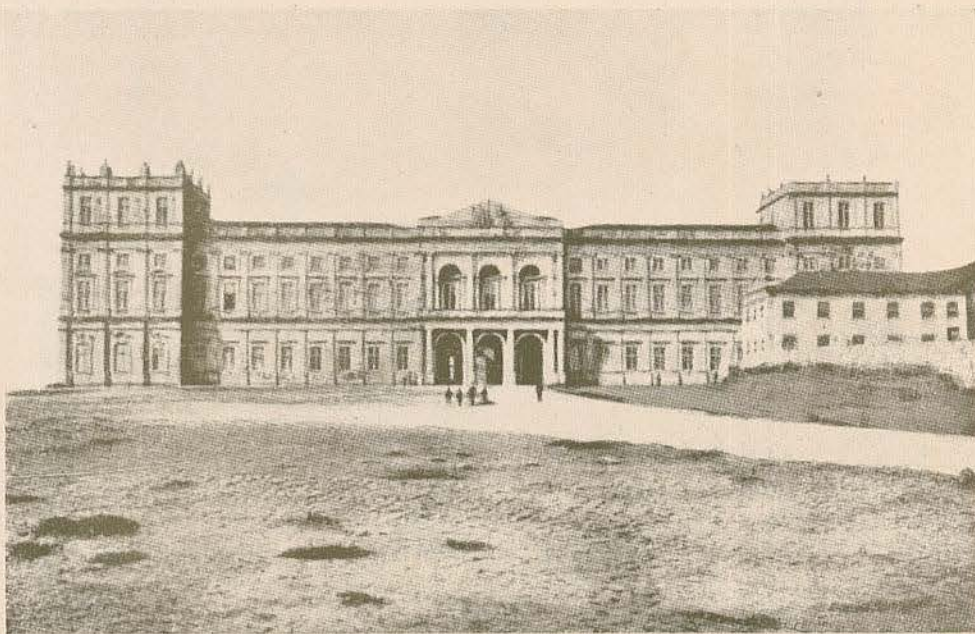
— Malvados, malvados, matarem uma criança!...

Sentira-o, adivinhára-o porque apenas lhe tinham dito que o Rei estava ferido.

Não chorou ao passar pelos marinheiros que lhe apresentaram armas á entrada do Arsenal, onde jaziam mortos seu Filho e seu Neto. Parecia uma estatua animada ou uma sonambula. D. Afonso tomou-lhe as mãos e beijou-a — o momento tragico passára, a noite caía.

D. Afonso ordenou uma rusga em toda Lisboa e descobriu que tinham colocado assassinos em todas as esquinas para cometer este nefando crime; se não tivessem morto o rei á chegada tel-o-hiam feito na esquina seguinte ou na outra.

Alguns assassinos, creaturas infames, impelidos pelas suas ideias revolucionarias perpetraram esse



O palacio da Ajuda

Pia sonhara que vira seu irmão, o rei Humberto de Italia, num lago de sangue com o rosto contraído. A noite fôra agitada e seguiu-se-lhe um dia de horrivel tristesa e tensão de nervos.

A Rainha passou todo esse dia, sentada numa cadeira de braços, recusando-se a receber quem quer que fosse, excepto a Marqueza de Belas, e só de tarde consentiu em tomar algum alimento.

No dia 1 de Fevereiro á tarde, o ajudante de D. Afonso, capitão Silva Senna, appareceu deante dela, arquejante e muito perturbado. A Rainha Mãe realisono immediatamente a tragedia do seu sonho.

— Que aconteceu? perguntou antes do capitão Senna poder falar.

— Minha Senhora, o Rei está ferido.

As mãos da Rainha tremeram, fitou os rostos pallidos que a rodeavam. Por um momento pareceu ir desmaiar mas dominando-se, apertou a capa, em-

terrivel delito. No entanto, foram bastante astuciosos, para suspender os seus planos durante algum tempo, depois dessa tragedia que revoltou o paiz inteiro.

Houve um breve momento de bonanza.

D. Manuel foi proclamado Rei e D. Afonso feito Principe Herdeiro.

Porto, a segunda cidade do reino, não tinha visto o seu duque, que era tambem o seu idolo, havia mezes. D. Manuel desejava ser ali popular. O Porto convidara toda a Familia Real e fizera grandes preparativos, para a sua recepção, esperando-a com muita impaciencia, especialmente a D. Afonso, que fôra lá muitas vezes e que guardava das festas que lá lhe tinham feito muito boas recordações.

D. Manuel sabia tudo isto, e com juvenil, mas natural leviandade, não podia suportar a ideia da sua recente dignidade de rei ser amparada pela popularidade do tio e praticou então o seu primeiro erro vital.

(Continúa)

(1) Que força de imaginação!!! (N. T.)

ALDEIAS RIBATEJANAS

É uma aldeia clara, que trepa na colina; uma aldeia alegre, com a brancura das casas muito caiadas, o vermelho dos telhados baixos e a verdura rica vestindo a encosta; uma aldeia singela, que tem regatos e fontes onde, pela frescura das madrugada luzidias de orvalho, ou pelas noites que o luar prateia, aparecem moiras encantadas penteando os longos cabelos.

Fica a duas leguas da Chamusca, perto da lezíria farta que se estende até à corrente do Tejo e que as cheias do inverno transformam num lago imenso, traiçoeiro e esplendido.

A «estrada real», recortada no sopé do monte, atravessa a aldeia e segue para

anos tristes, ergue a torre branca num largo rustico.

Nos valados, que vedam os quintais e marcam a beira dos caminhos, as amoras negras, a madresilva cheirosa e as rosas bravas entrelaçam-se num saboroso e perfumado abraço.

Um moinho, em ruínas, adoça a paisagem e levanta os braços para o céu intensamente azul a que, nos dias soalheiros, só a melancolia do outono empalidece a côr.

Uma vala, caudalosa no inverno e quasi sêca no verão, corta o campo a que a velha aldeia se liga com uma velha ponte de pedra e pequenas pontes de madeira, fracas e primitivas.

O gado bebe nas águas barrentas e as

V A L E D E C A V A L O S



Em Vale de Cavalos. As lavadeiras

Santarem, em curvas suaves, sombrias de carvalheiras frondosas e de choupos esguios ou ladeadas de pinhaes cerrados e veludineos.

Uma igreja pobre, abandonada nestes

camponesas lavam, cantando, na margem bordada de arvoredos.

Todo o ano os homens, trigueiros e fortes, lidam, suam e penam, nos campos fecundos. Conduzem o gado, lavram a terra,

moirejam nas eiras, cavam na vinha, trabalham na adega.

As mulheres, que o sol queima, que a vida rude e pesada deforma e desfeia, lavam a roupa, cortam as uvas, fabricam o pão, mondam as searas, apanham a lenha.

Longe da linha do comboio, muitos vivem e morrem ali, não conhecendo outro horizonte além do que lhes marca a lomba azulada da serra distante.

O medico aparece duas vezes por semana, generoso e brusco, espalhando prodigamente, ha muitos anos, em dedicacão e conselhos, a superioridade do seu talento exilado na tarefa ingloria da clinica aldeã.

Chega-lhes o correio num pacifico burrinho que, segundo a estacão, suporta a poeira e o sol ardente ou se encharca nos lamaçoes, e conduz, com o seu passinho miudo, a mala das cartas e o homem que o guia, e que algumas vezes, condoído, o leva à mão.

O mestre da escola representa as le-



Em Vale de Cavalos. Os bois na pastagem

tras, que os rapazitos aprendem e esquecem no labor do campo.

E na aldeia clara, na verdura fresca dos outeiros, o fumo sóbe, às Trindades, quando na lareira se cosinha a ceia e os trabalhadores recolhem. Emudeceu a voz do sino na igreja branca, onde a Senhora dos Remedios se queda triste... Mas os rebanhos passam, ao cair da tarde e os chocalhos tangem, recordando a hora...

Avé, Maria!...

Sobre a riqueza do solo ribatejano cae a bençao de Deus na seara fertil, nas eiras enormes, na vinha fecunda, no gado perfeito.

Na paz do campo forte, Portugal antigo trabalha e canta, no amor da terra, berço de conquistas, lavradores e nautas, com que já foi grande...

MARIA
DE
CARVALHO



Deitando o pão no forno



UM CASAMENTO ELEGANTE

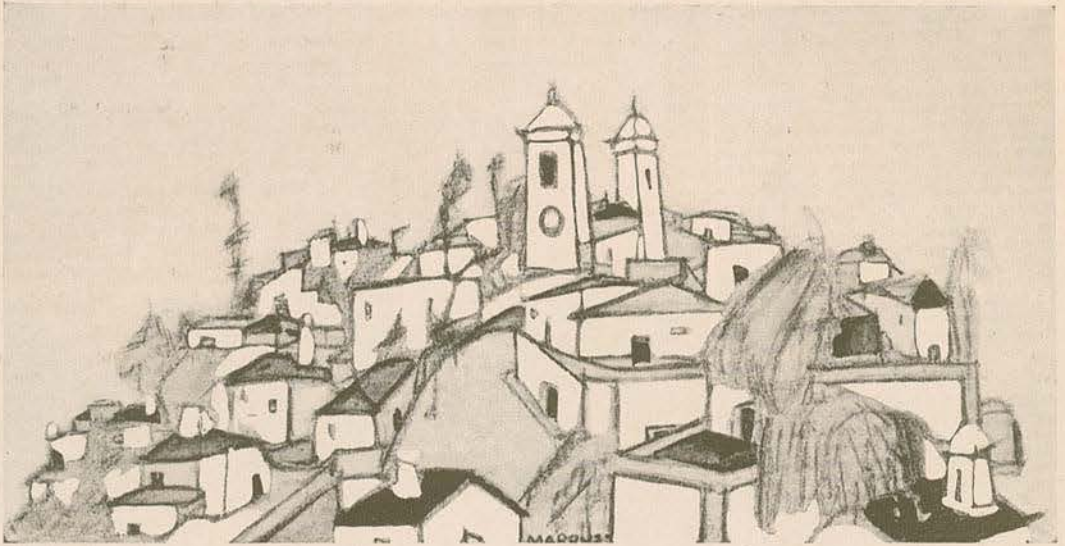


A sr.^a D. Laura Bêlard Montero e o sr. Alexandre de Mendonça, que ha dias se casaram na igreja do Lumiar



Depois do casamento—Os noivos com alguns dos seus convidados, entre os quais se conta o sr. Ministro da Espanha

(Clichés Salgado)



O RELOGIO DA JUNTA DE PAROQUIA

SETEMBRO de azul e oiro. Setembro virgiliano. Naquela branca aldeia do Algarve—branca, quieta e linda,—toda enroscada, como um cãosito felpudo, sobre a verdura, passavam-se, nesse mês memorável de setembro, factos bem notáveis para a sua vida pacífica e ignorada.

Da farmacia saíam rumores de controversia, em palavras altas, muito sonoras; cochichava-se, entre risinhos, no alfaiate; e nas lojas, a critica era franca e mordaz.

Toda a aldeia vibrava, toda a aldeia vivia dum facto: a junta de paróquia reunira todos os seus fundos e destinara-os á compra dum relógio para a torre. Havia quem desse a isto um significado politico.

Rebuscavam-se fins para explicar o gesto inesperado da junta, conciliabulava-se, corriam zun-zuns.

E a verdade é que, ao domingo, se adregava a passar, rua abaixo, todo janota no fato de ver a Deus, barba escanhoadá, um ar sibilino de quem tudo sabe, algum dos homens que tinham o mister de administrar a paróquia, as conversas suspendiam-se e os olhos ficavam colados nele com uma expressão de curiosidade a que aflorava bem nitida a ironia e a inveja.

Os da cõr contraria ganiam pelas esquinas:

—Gastam o dinheiro em luxos, e depois os paroquianos que gemam...

Um ou outro desiludido não hesitava em avançar com um grande gesto de desolação:

—Adeus, Portugal! Cada vez peor! Isto, já não tem concerto...

No entanto, a noticia corria triunfalmente os quatro cantinhos.

Tudo indagava, tudo queria saber.

E até o semanario da vila proxima botou uma local sobre o assunto, uma local de hipérboles cantantes demonstrando que «a junta era composta por benemeritos que muito honravam a terra que lhes tinha sido berço.»

.....
O Pereira farmacêutico estava enlevado no jornal.

O Carmo ante essa exhibição de ingenuidade não se conteve:

—Você, seu Pereira, contenta-se com pouco. Isso de jornais, são tudo lérias... Amanhã, já ninguém se lembra. Lá que o nosso acto é nobre, é belo, é ale vantado, (o Carmo costumava frequentar os comícios) não ha duvida nenhuma! Mas tudo esquece... Domingo que vem, muita festa, muita coisa, sim senhor. Na segunda feira,—fogo viste linguíça—, já ninguém pensa nisso...

O Zé da Clara que estava cortando um cacho magnifico, tumido, fresco, de causar aguadilhas na boca, estacou na sua faina, para afirmar que afinal o compadre Antonio tinha razão, que era preciso assegurar a memoria desse gesto da junta de paróquia por qualquer fórma. A Cesar o que era de Cesar. Aquella honra cabia-lhes, a eles, completamente. Era justo que a tomassem.

A Maria veiu com o balaio.

Zé da Clara desceu a escada, tomou-lh'o das mãos e pôz-se a colocar-lhe dentro, com a ternura de que só um lavrador é capaz, as uvas colhidas.

O balaio parecia, de mimoso, um açafate de flores. Mas Zé da Clara fazia mecanicamente todos os seus gestos, evidentemente absorvido por um pensamento fixo.

De repente, triunfou:

—Tenho cá a minha idéa! e bateu uma forte palpada na pinha.

Depois, com ar mais risonho, para a criada:

—Vai á loja do sôr Matias e entrega-lhe esta alembraça que lhe mando eu...

A moça tomou a cestinha e partiu, toda lampeira.

—Olha! ordenou ainda o presidente da junta. Bota-lhe por cima um guardanapo e diz-lhe que estou muito agradecido por tudo.

—Qual vem então a ser a idéa? meteu o professor, mal poude, como quem tem a sua figada.

Zé da Clara pôz-se a gesticular, ainda com a navalha aberta na mão esquerda.

—Eu cá entendo que isso é negocio arrumado...

Vai-se a uma pedra, escarrapacham-se os nossos nomes, e bota-se por baixo do relógio!

—Co'a bréca! objectou o Carmo, que tinha queda para as frases pomposas...

«Tem graça! Estava também a pensar numa lápide comemorativa...»

E ficou assente, naquela tarde calma de setembro, lançar-se mais nas despesas da junta essa lápide que levaria á posteridade surpresa os nomes dos varões inclitos que haviam realizado o nobre gesto de aplicar os dinheiros da junta de paróquia num relógio publico.

—Que triunfo! saiu murmurando o farmaceutico, no seu velho estribilho. Vamos moê-los de inveja.

E, como o regedor passasse em sentido contrario, na rua, lançou-lhe, com desprante, um olhar de mofa, o olhar mais brinçalhão e mais pedante de que eu tenho memoria.

No domingo anunciado, efectivamente, a filarmónica «Alunos de Minerva», percorreu tres vezes a

aldeia na marcha folionia que escolhera para saudar aquela alvorada festiva, e os morteiros, brutais, acabaram por acordar toda a gente a quem a musica tinha feito voltar na cama, apenas.

A manhã corria leda e fresca, triunfal de sol e alegria.

Repicavam os sinos. Dos campos e da serra, dispersos pelos caminhos, vinham-nos o tropear das alimarias e as gargalhadas das moçoilas, que chegavam, aos bandos.

A paisagem tomou um ar de saudade, um ar de domingo, uma ternura santa de domingo que só nas aldeias se pôde sentir. A lápide, encomendada á pressa, só nessa manhã chegára. Mas, para que se não perdesse o seu efeito, foi encostada ao muro, de maneira que pudesse ser lida.

Pobres analfabetos ao seu redor!
Foi preciso que Antonio do Carmo, todo dominigueiro, chapeu á farófia, charuto de picar, já tocadiño, decifrasse a inscrição misteriosa:

RELOGIO MANDADO ADQUIRIR
PELOS BENEMERITOS DA
JUNTA DE PARO-
QUIA:

JOSÉ FRANCISCO DA CLARA
ANTONIO MARTINS DO CARMO
JOAQUIM PEREIRA DO NASCIMENTO
MANOEL TOMÉ DOS SANTOS
JOÃO SOISINHA

Isto foi lido com enfase de pregão. Os campónios pasmavam, numa pasmaceira de contentamento.

E o Antonio do Carmo, sem se poder ter nas pernas, ficou-se a dizer para os brutamontes:

—Hein? Que tal é esta roupa?...

Mas a exclamação foi fechada por um gemido. O

mestre-escola curvou-se rapidamente e jogou a mão á bota nova que parecia apertar-lhe como um instrumento de tortura.

Esteve assim um instante. Quando se ergueu, vinha congestionado e arrematava:

—Má raios partam aquele regedor que ha-de ser sempre a minha sombra!

O regedor era o melhor sapateiro da terra, e, como só havia dois, o secretário da junta não podia calçar no pior...

Emfim a missa decorreu com a magestade que convinha. As senhoras estream alguns vestidos. Aparentavam-se a dedo, até. O órgão tocou. O padre fez o elogio dos *benemeritos* junto ás grades do altar-mór. As mulheres, (castamente, é bem verdade, mas no entanto inofisimavelmente), olhavam-nos com interesse, todos cinco, em grupo, na igreja,—como se fôsem os cinco dedos da mão da Providencia. Um sucesso, em tudo!

Zé da Clara não se esquecera do prior.

Depois da prédica mandou-lhe um quartão do branco e uma galinha poedeira.

Cá fóra, na barraca de *comes e bebes* que se armára para a exploração dos reinadios, pagou charutos e geropiga.

—Vá lá mais um *sóme-se*... compadre *Manel*, a pinga é bem boa. Abaixo!

E emborcava á farta com os amigalhaços.

Já muito côrdo, todo teso na sua camisa de goma, passando o Alcobaca vermelho e amarelo pela face sudorenta, acabava sempre por levar a

companhia diante dos nomes abertos na pedra, como se plantasse os seus amigos em face do próprio monumento.

—Um relógio numa terra onde toda a gente se governa pelo sol! casquinava o regedor.

Mas Zé da Clara, em pleno triunfo, não dava ouvidos a contarellos, e continuava embevecido na lápide onde soletrava a custo o seu nome,—o seu nome, que era o primeiro.

Passou-se a tarde. Veiu a noite, uma noite branda, uma noite tépida, a pedir festa.

A filarmónica, de cima do coreto pintalgado esmerou-se em floreados e repeniques; o bazar esteve magnifico; e os fogos de artifício acabaram por deslumbrar aquela gente, que de resto pouco exige.

A's tantas, quando recolhia, ébrio, feliz, com os caudilhos da junta formando a côrte, não menos ébrios e felizes, Zé da Clara passou ainda em frente da torre.

Olhou para o relógio. Ficou-se um instante, de nariz no ar.

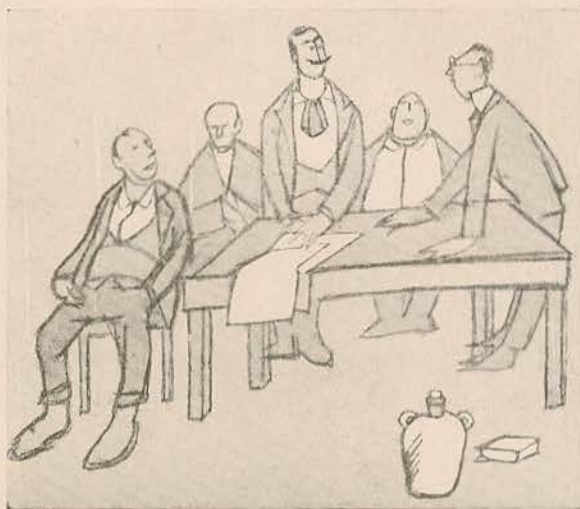
E, numa guinada, vomitou de orgulho:

—Vão dizer, a esses malandros todos que esta é a nossa obra! e pôs-se a bater no arcaboço punhadadas formidaveis.

Abraçaram-se. Felicitaram-se.

O professor leu mais uma vez, em voz alta, à luz dum fósforo, a inscrição que eles deixavam em sua memoria, para os vindoiros.

Aquilo era a consagração. Aquilo era a immortalidade!



Deram um viva á Republica e puseram-se a caminho trauteando a Marselheza.

Ao outro dia de manhã, naquela aldeia branca, quieta e linda do Algarve, que parecia um cãosito felpudo sobre a verdura, corriam uns risinhos de malícia e falava-se em voz baixa na loja do alfaiate em contraste evidente com as gargalhadas dos que de lá saíam.

E toda essa malícia, e todas essas gargalhadas, afinal tinham razão de ser: mão misteriosa fôra á inscrição, apagara-lhe uma letra apenas com massa de carpinteiro, e tornara numa sátira pungente o que era motivo de orgulho.

O professor, estremunhado ainda, mal refeito da borgia da véspera, correu ao adro e viu, com espanto, a facilidade com que se amachucam vaidades.

Relógio transformara-se em elogio...

ELOGIO MANDADO ADQUIRIR
PELOS BENEMERITOS DA
JUNTA DE PARO-
QUIA:

JOSÉ FRANCISCO DA CLARA
ANTONIO MARTINS DO CARMO
JOAQUIM PEREIRA DO NASCIMENTO
MANOEL TOMÉ DOS SANTOS
JOÃO SOISINHA

Em conciliábulo, sob o parreiral do Zé da Clara, o farmacêutico, o professor primario, o distribuidor e o barbeiro, corridos, espumantes de raiva, foram unânimes em deitar as culpas ao regedor,

— Pois não lhe pago as botas! gritou logo o Carmo, fertil em ideias.

E' possível que lhas não tivesse pago, que era de resto o que fazia a toda a gente.

O que eu sei é que a lápide foi conduzida para o cemiterio da aldeia onde se dá actualmente ao luxo de fingir de mesa de autopsias...

José Dias SANCHO

Ilustrações de BERNARDO MARQUES



A DANÇA NA ARTE

II

TOULOUSE-LAUTREC



Toulouse-Lautrec. Moulin-Rouge

ARISTOCRATA fim de raça e pintor fim de seculo, Henri-Marie-Raymond de Toulouse-Lautrec é um dos mais interessantes e pessoais artistas da França moderna.

Não foi grande nem nobre o seu reino: a cidadela de prazeres e de taras conhecida universalmente por Montmartre. No entanto, a arte original, fugaz, rebelde, desse iniciador de curta vida—1864 a 1901—marca a limpejante passagem dum meteoro no parisiense especialissimo do seu bairro. «De 1888 a 1900, a escola francesa não conheceu outra mais individual ou mais poderosa», registou um necrologista, quando a 9

de Setembro a loucura o vitimou no Castelo de Malromé.

Eminentemente francês no sentir e na expressão, nunca perdendo o sentido da elegancia, Lautrec é como que um Watteau degenerado e pessimista, inconscientemente juvenilesco, desvendando, aprazido, isso que Roger Marx denominou: *la triste vanité de nos modernes fêtes galantes*.

«Descendente duma das mais illustres familias de França—depõe Camille Mauclair—engeitado pela natureza, que fez dêle uma espécie de anão enfermo, parecia experimentar um prazer amargo no estudo do vicio moderno».

Boémia por vezes nos processos, e tudo quanto há de menos académica, grande parte da sua obra está pintada em calão «monmartres». E' por isso intraduzível, incompreensível, para quem não conheça um pouco, ou saiba muito, das noites arquiparisinas do seu tempo.

Ha um certo paralelismo entre Toulouse-Lautrec e Degas, sobretudo nos assuntos. São ambos dois poderosos renovadores da côr; mas Lautrec, menos equilibrado, mais nervoso e irregular, preso á impressão momentânea, cultor da actualidade, é principalmente um maravilhoso illustrador, cuja simplificada pericia se tem de buscar nos seus cartazes, nas suas litografias a negro e a côres, nos seus desenhos para livros e revistas.

Seduzido como Degas pelas formas em movimento, pelo realce que a movimentação dá ao colorido, Toulouse-Lautrec, que pintou outras coisas, cavalos de corridas, numeros de circo, tipoias galderias, retratos, deixou-se também apaixonar pela dança: arte que, banal para os vulgares, sempre atraíu os excepcionais como um dominio em que to. o o sonho se faz corpo.

E é essa uma das superioridades da dança: ser a arte que os mediocres nem suspeitam e cuja magia se mede pela simpatia dos eleitos em todas as épocas. Além de ser, repare-se, a única das artes que pode brotar a nossos olhos em estado nascente; construir-se á nossa vista, por mera obra do instinto, sem intervenção da memória ou do raciocinio. Ou ela não fosse, em principio, o ritmo do amor e da alegria!

A dançarina de Degas é, de ordinario feia, como já a vimos, a dançarina classica de saial

de gaze e malha de seda, a dançarina de teatro, a dançarina de ópera, que Lautrec só apontou de fugida.

Para os olhos miopes dêsse gnomos fidalgo, a dançarina predilecta, rainha, foi a dançarina de café-concerto, dos bailes esturdios, do *Moulin-Rouge*. Quere dizer a cancanista, a dama da quadrilha, a *casca-deuse*.

A dança em Lautrec é o *Chahut*: a deslocação geométrica dos corpos, as bases escachadas, as pernas ao alto como braços gesticulantes, o pontapé triunfal e a apoteose turbilhonante, espumejada, das saias de baixo; cascatas de fofos engomados emoldurando botas de pelica negra, como bicos de perús armados.

O mundo «lautrecuiano» é o mundo do prazer fácil e da orgia tempestuosa, formas invertidas do tédio.

A sua obra, donde a onde surpreendente de graça e vigor, é uma obra triste, que dá a quem a contempla uma sensação de melancolia disfarçada em bulício e embriaguez. Andou por ali a musa verde do absintio. Há uns longes de del rio, pródromos de loucura futura, nalguns temas insistentes.

Os grandes modelos femininos de Lautrec fôram «La Goulue» e Jane Avril, celebridades pândegas da Paris foliã.

Salienta-se a frisante disparidade entre a pouca categoria dessas inspiradoras e a enver-



Toulouse-Lautrec. Dançarina

gadura do artista que as animou. Passaram «La Goulue» e «La Mélinite», passou o *Cancan* ardeu o *Moulin Rouge*. Ficou, e perdurará, a arte de Lautrec, não só como um documento de costumes admirável, mas como a canção fervorosa dum pobre sonhador decadente ao que para ele foi beleza e foi enlêvo.

Pois assim quer o destino que ao talento assista o dom de prolongar o efêmero, de fazer que o sofrimento e a miséria dos homens e das coisas se esqueçam ante o deslumbramento das obras, a radiação da individualidade.

«La Goulue», verdadeira heroína na obra de Toulouse-Lautrec, deu brado como *chahuteuse*. Creio que ainda vive e bufarinha por Montmartre.

Provocante, endiabrada, atrevida, «bacante de sargeta» como disse um contemporâneo, «La Goulue» foi das maiores notabilidades das «quadrilhas naturalistas» do *Jardin de Paris* e do *Moulin Rouge*. Loira, quasi ruiva, ageitava os cabelos em elmo curuscante. «O seu topête avistava-se de tão longe como outrora o penacho branco de Henrique IV», escrevia um cronista do *Gil Blas*.

O seu curioso perfil de sibila canalha, sugando o ar sofregamente, é um dos desenhos mais palpantes de Lautrec, que a reproduziu muitas vezes, ora dando senhorilmente o braço a duas companheiras, com um decote em V interminável a descobrir-lhe os seios balofos, ora, frenética e escandalosa, acompanhando

peinadas desengonçadas do famigerado Valentin le Dessossé, maduro dançarino excepcional, que alguém apelidou de «Imperador da Valsa e da Quadrilha».

Zelando o seu peculio, «La Goulue», por ocasião da Feira de Meuilby, armara em emprestaria e montava lá um barracão de circo, tendo chegado a apresentar-se como domadora. Ainda aí o seu artista fiel a seguia. Na história da arte ficaram unicos os painéis de grossa linhaagem que ele pintou, a traço largo, para chamariz de concorrência.

São preciosos esses cartazes de barraca de feira do admirável cartazista do *Bruant dans son cabaret* e do *Pendu*.

Ao lado de «La Goulue», a figura que na arte impressionante de Lautrec marca todo o poder da sua visão, é Jane Avril,

por alcunha «La Mélinite», nome que explosivamente diz tudo, outra estrela do *grand écran* e do *brissement*.

Artista de raça e convicção, aformoseador portanto, Toulouse-Lautrec, envolvido pelos remoinhos suspeitos da dança, naturalista em plena voga, não foi, não quiz ser, um realista. Tendo de o incluir numa escola que não seja a sua, acusado por diversos de japonismo, só vejo possibilidades de o defenir como simbolista, como um dos mais puros simbolistas da sua época, pelaância de beleza, de resgate, de estilização.



Toulouse-Lautrec — Jane Avril



Toulouse-Lautrec

MANUEL
DE
SOUSA
PINTO



O escritor Sousa Costa com sua mulher a distinta escritora D. Emilia Sousa Costa no seu gabinete de trabalho

A PEÇA "FREI SATANAZ"

DO ESCRITOR SOUSA COSTA

Damos hoje um excerpto da peça «Frei Satanaz» do ilustre escritor Sousa Costa, peça que, em breve, subirá à scena no Teatro Nacional. Ao talentoso escritor agradecemos, em nome dos leitores da «Ilustração», esta ocasião que nos proporciona de satisfazer-mos, em parte, a curiosidade com que o publico espera a peça de Sousa Costa.

SCENA V

As mesmas, Diogo

DIOGO (*de pejana, ar severo*).

O Victor ainda hoje não vai ao escritorio? A esta hora ainda na cama!

EUGENIA

A Augusta não te disse?

DIOGO

O quê?

EUGENIA

Que passou a noite incomodado... Nem dormir pôde...

DIOGO

E isto! Isto agora todos os dias! Hoje não vai ao escritorio... porque passou incomodado! Hontem não foi... porque passou a noite divertido. Ante-hontem... porque eu fiquei em casa com a gripe. E por este processo... não aproveita na semana dois dias de

trabalho. (*Irritado*) Não pode ser! Nós estamos sendo mais criminosos do que ele... porque ele não vê o mal, e nós, que o vemos, não o evitamos!

EUGENIA (*conciliadora*).

Tens razão... Mas ele agora tem-se portado melhor...

LUCIA

Nem parece o mesmo. É uma diferença enorme.

DIOGO

Para vós sempre se porta bem. Preciso metê-lo na ordem. (*Sentando-se*) Ah, filhos! A vida perturbada de cuidados e de responsabilidades! Nós, respondendo pelos actos deles... ainda mais que pelos nossos...

EUGENIA (*sentando-se ao lado dele acarinhando-o*)

Tens razão, Diogo... Apesar disso... crê... o Victor, depois daquela lição do *Maxime*, modificou-se muito...

DIOGO

A lição do *Maxime*! Nem nisso quero pensar.. (*Noutro tom*) É verdade... Que tal o espectáculo?

EUGENIA

Bom.

DIOGO

O Cesario... aplaudidissimo?

EUGENIA

Muito.

LUCIA

É um grande actor. A naturalidade da sua voz, do seu gesto! Vive o que diz! Sente o que faz!

DIOGO

Claro... Muita gente conhecida...

EUGENIA

Bastante...

DIOGO

Os Albergarias, estavam?

LUCIA

Olha os Albergarias! Nunca faltam.

EUGENIA

Sim, parece-me que os vi lá...

DIOGO

É isso! Não estavam... Nem me lembrava... Morreu-lhes o tio Oscar...

EUGENIA

Bem vêes... Entre tanta gente... é facil confundirmo-nos...

Quem lá devia estar... essa é infalível nas festas do Cesario, era a condessa de Rio Grande! Com o seu *lorgnon* de punho de ouro... O seu chinó de cabelos moços... A sua juventude de toucador...

DIOGO (*mal humorado*)

Imagina! A esta hora, onze horas, e os jornaes sem virem. Naturalmente... Nova greve:

EUGENIA

Talvez...

LUCIA

Pois o custo da vida a subir todos os dias... Defendem-se é natural...

DIOGO (*severo*).

As teorias do Victor! As teorias dos que querem ter muito sem fazer nada?

EUGENIA

Deixa lá. Ela não sabe o que diz.

DIOGO

Não é ela. É ele! Não vê, esse senhor, que são justamente as greves, diminuindo a produção e aumentando-lhe o custo, o eixo vertiginoso desta rotação de loucura. Lenines! Dum Lenine é que nós precisavamos...

LUCIA (*admirada*)

Mas o Lenine... é o chefe dos bolchevistas.

DIOGO

Mas o Lenine... é o tirano necessario. Assim mesmo! Ha greves na Russia? Fuzila os dirigentes. Condena os grevistas a dègredo... As greves, c'lama-lhes, são contra a burguezia!... Nós estamos na republica social! Oito horas de trabalho? Trabalhem dez, doze, as indispensaveis! As oito horas são uma arma contra os burguezes! Não podemos voltar essa arma contra nós proprios, operarios livres!

ACTUALIDADES



O SR. PRESIDENTE DO MINISTERIO NO GOVERNO CIVIL. O sr Coronel Maia Pinto acompanhado pelos srs. dr. Falcão Ribeiro e directores da P. S. E. e da policia de investigação criminal.



O NOVO ANO LECTIVO NA UNIVERSIDADE DE LISBOA. O Chefe do Estado saindo do edificio da Faculdade de Ciencias, depois da abertura da Universidade (Clthés Garcez)

O FUNERAL DAS VITIMAS DA "SURPRISE"



Uma fase do cortejo. Os estados maiores francês e português.



A corôa oferecida pela Academia Funchalense

(Clichés Vicente)